

## **A construção de sentidos no uso de adjetivos em *-nte*: uma abordagem funcional-cognitiva**

---

The construction of meanings in the use of adjectives ending in *-nte*:  
a functional-cognitive approach

La construcción de significados en el uso de adjetivos en *-nte*:  
un enfoque funcional cognitivo

**Edvaldo Balduino Bispo**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/Brasil)

**Fernando da Silva Cordeiro**

Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA/Brasil)

### **RESUMO**

Neste trabalho, discutimos usos de adjetivos em *-nte*, instâncias da construção nominalizadora de particípio presente. Objetivamos explicar como esses adjetivos perfilam e ativam domínios cognitivamente estruturados da nossa experiência, uma vez que as formas linguísticas representam, grosso modo, as conceptualizações construídas pelos falantes a partir das nossas experiências com o mundo. Trata-se de uma pesquisa de abordagem quali-quantitativa, de caráter descritivo-explicativo. Os dados foram retirados do *Corpus* Discurso & Gramática, seções Natal e Rio de Janeiro, e do *Corpus* Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão. Os resultados apontam que há três sentidos recorrentes para os adjetivos em tela e que há diferentes graus de transparência entre o sentido desses adjetivos e os frames evocados por suas bases verbais. Fatores sociointeracionais concorrem para a extensão de sentidos que é observada no uso de adjetivos formados pela construção.

---

\* Sobre os autores ver página 104.



**PALAVRAS-CHAVE:** Linguística Funcional Centrada no Uso; Gramática de Construções; Construção nominalizadora de particípio presente; Adjetivos deverbais.

**ABSTRACT**

*In this paper, we discuss the usage of adjectives ending in –nte, instances of the nominalizing construction of present participle. We aim to explain how these adjectives profile and activate cognitively structured domains of our experience, since linguistic forms represent roughly the conceptualizations constructed by speakers from our experiences with the world. It is a qualitative and quantitative research and, it has descriptive and explanatory objectives. The database are the Corpus Discourse & Grammar, Natal and Rio de Janeiro sections, and the Electronic Corpus of Historical Documents of Sertão, Bahia. The results show that there are three recurring meanings of the present participle adjectives and that there are different degrees of transparency between the adjectives' meanings in use and the frames evoked by their verbal bases. Social and interactional factors contribute to the extension of meanings observed in the use of adjectives formed by the construction.*

**KEYWORDS:** Usage-Based Functional Linguistics; Construction Grammar; Present participle nominalizing construction; Deverbal adjectives.

**RESUMEN**

*En este artículo, discutimos los usos de adjetivos en –nte, instancias de la construcción de nominalización del participio presente. Nuestro objetivo es explicar cómo estos adjetivos perfilan y activan dominios cognitivamente estructurados de nuestra experiencia, ya que las formas lingüísticas representan aproximadamente las conceptualizaciones construidas por los hablantes a partir de nuestras experiencias con el mundo. Esta es una investigación cualitativa y cuantitativa, descriptiva y explicativa. Los datos fueron tomados de Corpus Discurso & Gramática, Natal y Rio de Janeiro, y del Corpus Electronico de Documentos Históricos del Sertão. Los resultados indican que hay tres significados recurrentes para los adjetivos estudiados y que hay diferentes grados de transparencia entre el significado de estos adjetivos y los marcos evocados por sus bases verbales. Los factores socio-interactivos contribuyen a la extensión de significados que se observa en el uso de adjetivos formados por la construcción.*

**PALABRAS-CLAVE:** Linguística Funcional Centrada en el Uso; Gramática de la Construcción; Construcción de nominalización del participio presente; Adjetivos deberbales.

## 1 Introdução

Neste artigo, cuja versão preliminar foi publicada nos Anais do X Seminário Internacional e XXIII Seminário Nacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática (CORDEIRO, 2019); focalizamos adjetivos deverbais de particípio presente, considerados uma categoria específica de adjetivos que apresentam as seguintes características: i) são formados pela integração de uma base verbal ao sufixo *–nte*; ii) representam resquícios do particípio presente

latino, que se manteve no português brasileiro, embora com funções distintas das que apresentava no latim. Esses adjetivos podem ser representados pelo esquema  $[[X]_{V-nte}]_{ADJ}$ , um padrão de formação de palavras dessa classe, a exemplo de *experiente*, *alucinante*, *seguinte*. Assumimos que tais adjetivos são instâncias da construção nominalizadora de participio presente  $[[X]]_{V-nte}$ , que forma substantivos e adjetivos, tal qual defendido por Cordeiro (2017) e Cordeiro e Bispo (2017).

Os nomes acima descritos são agora objeto de estudo de uma pesquisa de doutoramento em curso, cujo objetivo principal é descrever o pareamento forma-função de adjetivos e substantivos licenciados pela construção nominalizadora de participio presente, observando, para tanto, o uso desses nomes em diversas diacronias do português brasileiro. A pesquisa também tem como intuito analisar motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas implicadas no uso dos adjetivos e substantivos deverbiais de participio presente, de modo a detalhar o que pode favorecer (ou não) a flutuação categorial dessas palavras entre as categorias nominais anteriormente mencionadas, partindo ainda do fato de que tal forma é oriunda do participio presente e tem, por isso, uma natureza fronteira entre verbo e nome.

O propósito deste artigo, em particular, é analisar como adjetivos em *-nte* perfilam e ativam domínios cognitivamente estruturados de nosso conhecimento. Partimos da premissa de que as formas linguísticas (de qualquer nível) representam, grosso modo, conceptualizações construídas pelos falantes conforme suas experiências com o ambiente biofísico e sociocultural. Em outras palavras, assumimos a concepção de que língua(gem) e cognição estão relacionadas e que a expressão linguística reflete, em alguma medida, o modo como organizamos cognitivamente aquilo que concretamente experienciamos no mundo.

De modo geral, encontramos na literatura de viés cognitivista muita atenção a fenômenos como estrutura argumental de predicadores, padrões de estruturação frasal, idiomatismos, cadeia discursiva e a interface desses padrões com a cognição; no entanto, é notório que discussões sobre padrões de formação de palavras e a relação que eles estabelecem com conceitos, *frames*, domínios etc., parecem bem menos disponíveis. Basílio (2010, p. 5) pontua que “na volumosa literatura produzida por adeptos da Linguística Cognitiva na década de 1980 não se explicita nenhum interesse particular sobre o léxico ou sobre a morfologia”. Dessa forma, justifica-se a necessidade de investir em estudos que aprofundem a relação do nível morfológico de análise linguística com estruturas conceituais e que expliquem como se dá a construção de significados de morfemas ou palavras, do ponto de vista cognitivo, num dado contexto ou como elas contribuem para o acesso a domínios cognitivos responsáveis por esse sentido.

Norteiam a discussão aqui empreendida os seguintes questionamentos: Como estruturas morfológicas contribuem para evocar sentidos e ativar teias de complexos conceituais? Que conceitos primários e secundários são ativados por adjetivos em *-nte* e pelas bases verbais de que derivam? Qual o grau de transparência entre os sentidos instaurados por adjetivos em *-nte* e as estruturas conceituais evocadas pelo verbo base? As discussões aqui empreendidas tentam avançar na resposta a essas questões, mostrando que construções morfológicas podem ativar padrões de experiência.

A pesquisa é sustentada teoricamente na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), conjugada à Gramática de Construções, e na teoria da representação morfológica (BESEDINA, 2012; 2014), vinculada à Linguística Cognitiva (LC). Assumimos que a língua é um objeto maleável, suscetível a pressões de uso, muitas delas externas ao sistema linguístico. Defende-se, junto a autores como Talmy Givón, Elizabeth Traugott, Paul Hopper, entre outros, que há uma forte correlação entre a codificação linguística e o uso que os falantes fazem da língua nas situações reais de interação, a fim de satisfazerem seus propósitos comunicativos. Nesse sentido, consideramos que a gramática de uma língua é construída no/pelo uso, conforme as vicissitudes do discurso, e consiste na sedimentação de rotinas interacionais consensuadas (MARTELOTTA, 2011). Decorre daí a ideia de que a gramática está em constante adaptação e mutação (HOPPER, 1987; FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013).

Em termos estruturais, o trabalho está organizado da seguinte forma: após esta introdução, caracterizamos os pressupostos teórico-metodológicos em que se assenta a pesquisa; em seguida, apresentamos os dados quantitativos e analisamos usos dos adjetivos em *-nte* com base em ocorrências empiricamente atestadas; por último, estabelecemos as conclusões a que chegamos nesse percurso.

## 2 Fundamentação teórica

Como dito na seção anterior, este estudo se baseia na Linguística Funcional Centrada no Uso, que constitui desdobramento da Linguística Funcional norte-americana e agrega contribuições da Gramática de Construções (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013). Para esta pesquisa, em particular, consideramos também o modelo da Morfologia Construcional e, vinculada a esta, a teoria da representação morfológica.

### 2.1 Linguística Funcional Centrada no Uso

O postulado basilar da LFCU é a compreensão de que existe uma correlação motivada entre codificação e uso linguístico (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013). Para esta vertente teórica, há uma simbiose entre as estratégias de organização do discurso e a estruturação linguística, de modo que esta reflete, em alguma medida, os propósitos comunicativos negociados entre os interlocutores em situações reais de interação. A tarefa da LFCU é, conseqüentemente, descrever a língua de acordo com motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas implicadas em seu uso real.

Decorrente desse princípio básico, temos que a gramática de uma língua não é homogênea, pois é formada tanto por padrões regulares, quanto por padrões mais relativamente regulares e ainda por padrões totalmente novos e emergentes; e também não é totalmente estável, pois, uma vez suscetível às pressões do uso, está constantemente se adaptando às necessidades interacionais dos falantes. Conforme pontuam Furtado da Cunha e Tavares (2007), a gramática tem sua origem no discurso; logo, é preciso observar as

funções a que a língua se presta na comunicação para compreender o funcionamento da gramática dessa língua.

Advoga-se, na LFCU, a visão de que a estrutura linguística e a organização do conhecimento de mundo na mente do falante seguem princípios semelhantes. Desse modo, entendemos que, além de aspectos semânticos e discursivo-interacionais, processos cognitivos atuam diretamente no uso linguístico. Nessa direção, faz-se necessário investigar como o uso da língua é circunstanciado por tais processos. Segundo Martelotta (2011), subjazem ao comportamento linguístico, ou à criação de significados na língua, aspectos relacionados à captação das experiências, sua compreensão e armazenamento na memória, além de operações de categorização, acesso e transmissão da percepção de mundo por meio dos elementos linguísticos. Nos termos de Bybee (2010), trata-se de processos cognitivos de domínio geral, dos quais nos interessa aqui a categorização.

A categorização consiste no agrupamento, em uma mesma classe, de elementos com base em propriedades percebidas como semelhantes: cor, forma, tamanho, espessura, constituição, sonoridade, configuração morfossintática, significado/função, entre outras. Assim, por exemplo, identificamos o elemento *cadeira* com base na experiência que temos com objetos que possuem determinadas características em comum (pés, assento e encosto), embora possam divergir em relação ao formato, à cor, ao material de que são feitos, a serem ou não giratórios, a terem ou não braços. Do mesmo modo que categorizamos o universo biofísico e sociocultural, categorizamos a língua. No domínio linguístico, consideremos a categoria substantivo. O item *gato* apresenta as características centrais que identificam essa categoria: é concreto, flexiona em gênero e número, pode ser núcleo de um SN, pode ser precedido de determinante e acompanhado por modificador. Por sua vez, o elemento *conhecimento* não exhibe algumas dessas propriedades (é abstrato e não flexiona em gênero e número), afastando-se do exemplar mais típico.

Conforme postulam Lakoff e Johnson (1999), nossas interações perceptuais recorrentes são armazenadas no sistema conceitual em categorias. É por meio do processo de categorização que, tão logo experienciamos o mundo, criamos representações abstratas para as coisas que nele existem e as armazenamos como conjuntos de itens similares. Desse modo, esse processo cognitivo acarreta economia de processamento e produção linguísticos.

Cabe destacar que o fato de um elemento pertencer a uma dada categoria não significa que ele reúna todas as propriedades a ela associadas. Isso porque, conforme já indica Givón (1995), as categorias não são discretas, mas distribuem-se num *continuum*. Segundo Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013, p. 29),

significa dizer que as coisas percebidas distribuem-se num *continuum* categorial, em que alguns elementos localizam-se mais nos polos da escala, com propriedades conceituais mais ou menos bem definidas e outros se situam em instâncias intermediárias, por compartilharem características de uma e outra categoria.

Decorrem daí as seguintes implicações: i) as categorias não existem *a priori*, mas são construídas na/pela interação, a partir da recorrência de padrões linguísticos e seu conseqüente armazenamento no sistema conceptual; ii) as fronteiras entre categorias são fluidas, o que significa que os itens podem transitar ou flutuar entre categorias distintas, a depender do sentido que constroem no uso; e iii) organizamos as categorias em termos de elementos prototípicos ou aqueles que melhor representam uma dada categoria, não excluindo elementos que estão mais afastados do centro, compartilhando propriedades de categorias diferentes.

Em consonância com a Gramática de Construções, a LFCU entende que a língua constitui um imenso repertório de construções inter-relacionadas e organizadas hierarquicamente (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Por *construção* compreendemos o pareamento convencionalizado de forma associada a uma função semântica e/ou pragmática, e essa associação se dá por meio de elo de correspondência simbólica (LANGACKER, 1987)<sup>1</sup>. Segundo Croft (2001), ao polo da forma correspondem propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas; o polo da função compreende propriedades semânticas, discursivas funcionais<sup>2</sup>. Hilpert (2014) esclarece que as construções são “pedaços” do conhecimento linguístico dos falantes, fruto das generalizações que fazemos a partir do contato recorrente com as formas linguísticas.

Nessa perspectiva, construção compreende desde um morfema até um texto. Assim, por exemplo, no período *Maioria quer investimento social contra a violência, diz Datafolha*<sup>3</sup>, temos construções diversas: o sufixo *-mento* (em *investimento*), formador de substantivo; o item lexical *a*; o sintagma nominal *investimento social*; a oração transitiva *Maioria quer investimento social contra a violência*; e todo o período composto *Maioria quer investimento social contra a violência, diz Datafolha*. Observa-se, portanto, que a construção pode variar em termos de tamanho, especificação fonológica e conceitualização, sendo todos esses parâmetros escalares (GOLDBERG, 2006; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

## 2.2 Morfologia construcional e teoria da representação morfológica

Os estudos em Gramática de Construções apresentam hoje uma diversidade de vertentes e modelos, mas todos compartilham os pressupostos gerais dessa abordagem. Para a pesquisa aqui empreendida, merecem destaque dois ramos da GC, os quais servirão de fundamentação para a análise de nossas amostras: a Morfologia Construcional (BOOIJ, 2010; HILPERT, 2014; NORDE; TROUSDALE, 2016) e a teoria da representação morfológica (BESEDINA, 2012; 2014). Nesse contexto teórico, esquemas morfológicos são padrões construcionais no nível da palavra, como o  $[[X]_V -nte]_{ADJ}$ , que aqui investigamos.

A Morfologia Construcional considera que padrões de formação de palavras, a exemplo do que aqui investigamos, são esquemas abstratos criados

<sup>1</sup> Para uma discussão sobre a arbitrariedade na relação forma-significado das construções, ver Furtado da Cunha, Silva e Bispo (2016).

<sup>2</sup> Entendemos que o polo da função recobre também aspectos cognitivos.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://uol.com.br/>. Acesso em: 30 dez. 2019.

por generalizações acerca dos itens lexicais. Booij (2010; 2015) argumenta que esses padrões podem ser também considerados construções, visto que representam esquemas abstratos resultantes de generalizações que os falantes constroem a partir de uma correlação sistemática entre um elemento formal e um significado também esquemático.

Booij (2010) mostra que construções morfológicas apresentam comportamento semelhante ao que se percebe em construções sintáticas. Assim, por exemplo, padrões de formação de palavras podem: i) aplicar restrições em relação aos elementos que podem ou não ocupar os *slots* do esquema; ii) exibir restrições de colocações sintáticas; iii) exibir efeitos de coerção, ou seja, aspectos semânticos relacionados ao esquema podem sobrepor aspectos semânticos das partes componentes.

No que diz respeito à teoria da representação morfológica (BESEDINA, 2012; 2014), trata-se de um modelo teórico baseado nos ideais cognitivistas, os quais pressupõem existir relação próxima entre a estrutura do conhecimento linguístico e as nossas estruturas conceptuais. Para essa teoria, as categorias morfológicas são uma forma de representar linguisticamente parte do nosso conteúdo conceptual, isso porque segundo autores como Langacker (1998), Croft e Clausner (1999), Croft e Cruse (2004), a mesma experiência pode ser conceptualizada de diferentes maneiras, sendo as categorias morfológicas, portanto, modos particulares de conceptualizar tais experiências.

A noção teórica básica é a de conceito morfológico. Diz respeito a uma parte de nosso conhecimento que é acessado pelas formas e categorias no nível da morfologia. O conceito morfológico é a base cognitiva para a representação morfológica em uma língua. Ele é parte de domínios mais básicos e mais gerais da nossa cognição e é construído com base em conceitos primários, como TEMPO, ESPAÇO, QUANTIDADE, RELAÇÃO, etc. (CROFT; CLAUSNER, 1999). Ou seja, os conceitos morfológicos são conceitos secundários, uma vez que tomam por base noções que já existem em nosso sistema conceptual.

A abstratização é a capacidade cognitiva de, a partir de conceitos mais ligados à concretude, criar conceitos mais abstratos. Besedina (2012) diz ser essa propriedade de nosso sistema conceptual capaz de dar origem a conceitos morfológicos a partir de conceitos primários. O conteúdo do conceito morfológico é de natureza mais abstrata e é resultado das generalizações construídas a partir dos sentidos instaurados no uso das formas linguísticas. A recorrência do uso das formas linguísticas ativa características presentes nos conceitos morfológicos que, por sua vez, ativam características dos conceitos primários.

Não há, porém, relação inequívoca entre formas, conceitos morfológicos e conceitos primários. Como os sentidos são construídos no uso, os elementos linguísticos podem ativar conceitos morfológicos e/ou primários diversos. Postula-se, na representação morfológica, a atuação de fatores sintáticos, semânticos e pragmáticos<sup>4</sup> como determinantes para a construção de sentidos dos elementos morfológicos em uso, de modo que esses fatores

---

<sup>4</sup> Besedina (2012) utiliza o termo *contextual*: “This concretization is revealed on the sentence-utterance level in interaction with linguistic factors. Here we must identify the factors that influence or may be even determine the process of forming sense when we analyze morphological representation. Below a look at three such factors will be taken: (1) semantic, (2) syntactic, (3) contextual”. (p. 182)

permitem o perfilhamento de/ acesso a outros conceitos primários recrutados para a efetivação de um sentido ou de outro.

Besedina (2012) utiliza como exemplo a ideia de QUANTIDADE, conceito primário que serve de base para outros conceitos como MEDIDA DE PROPRIEDADE, este último um conceito morfológico que se concretiza linguisticamente mediante as formas de modificação do grau dos adjetivos, por exemplo. Este conceito morfológico constrói, só para citar um caso, a noção de “o maior grau de intensidade de uma propriedade”, ativada pela forma superlativa presente em: “Achei essa tarefa *difícilima*”.

Observando a codificação de grau superlativo em inglês, a autora listou pelo menos três sentidos gerais que são construídos no uso de formas superlativas:

- I. O grau da propriedade de um objeto é comparado com mais de um objeto do mesmo grupo;
- II. O objeto possuidor do mais alto grau da propriedade é singularizado diante dos objetos de certa classe;
- III. Um objeto é singularizado entre o grupo de objetos que possuem o mais alto grau da propriedade.

Besedina (2012) propõe ainda que a atuação de fatores semânticos, sintáticos e contextuais (interacionais) recrutam, para a efetivação desses sentidos, o conceito de COMPARAÇÃO e, conseqüentemente, de noções que nele estão contidas.

A sentença em (a) exemplifica a construção do sentido proposto em I. O superlativo *handsomest* ativa a noção de “o maior grau de intensidade de uma propriedade” presente no conceito morfológico de MEDIDA DE PROPRIEDADE. Os fatores semânticos, sintáticos e contextuais, por sua vez, recrutam a noção de “contraste”, presente no conceito de COMPARAÇÃO (coteja-se a propriedade de um ser em relação à de outros). A combinação dos conceitos forma, então, o sentido analisado:

- (a) The others are very much admired too, but I believe Isabela is the handsomest<sup>5</sup>.

Analisando a construção do sentido proposto em II, exemplificado em (b) e em (c), percebe-se que os fatores linguísticos (sintáticos, semânticos e contextuais) perfilam, neste caso, as noções de “oposição” e “singularidade”, constituintes do conceito de COMPARAÇÃO. A integração entre as ideias de contraste, oposição e medida da intensidade criam o sentido em análise. As locuções adverbiais *in the world* e *in the room* apoiam a interpretação de que o referente é singularizado diante de um grupo maior.

- (b) It was the strangest face in the world!<sup>6</sup>

<sup>5</sup> As outras também são muito admiradas, mas acredito que Isabela é a mais bonita.

<sup>6</sup> Era o rosto mais estranho do mundo!



- (c) I was going to dance with the prettiest girl in the room<sup>7</sup>.

Por último, o sentido proposto em (III) pode ser visto nas sentenças (d) e (e). Nesses casos, os fatores linguísticos perfilam a noção de “singularidade” presente no conceito de COMPARAÇÃO. Essa noção, junto ao conceito de medida de propriedade, formam o sentido anteriormente explicitado. Observa-se que a comparação se dá entre membros de um grupo que apresentam a mesma propriedade, havendo, entretanto, destaque de apenas um desses membros.

- (d) He was one of the greatest living authorities upon the subject<sup>8</sup>.

- (e) It's one of the finest old places in England<sup>9</sup>.

Os três sentidos gerais propostos por Besedina (2012) e aqui caracterizados são tomados como referência para a análise de ocorrências dos adjetivos em *-nte* de nossa amostra, com vistas a verificarmos como se instaura o sentido desses elementos em contextos de uso efetivo da língua.

### 3 Metodologia

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de natureza básica, aquela que tem como principal intuito ampliar o conhecimento científico acerca de um dado fenômeno, neste caso, a construção nominalizadora de particípio presente. A abordagem realizada é quali-qualitativa, uma vez que buscamos elucidar questões subjacentes ao uso de adjetivos em *-nte*, buscando dar conta de como esses adjetivos perfilam e ativam domínios cognitivamente estruturados de nossa experiência; ao mesmo tempo, valemo-nos de quantificação para evidenciar, via frequência de uso, tendências quanto aos sentidos acionados por esses elementos.

Quanto aos objetivos, temos aqui uma pesquisa descritivo-explicativa. Por um lado, caracterizamos os adjetivos formados pela construção nominalizadora de particípio presente em suas propriedades funcionais; por outro lado, interpretamos os resultados, mostrando como isso contribui para explicar como se estrutura o conhecimento linguístico dos falantes, de acordo com fatores semântico-cognitivos e discursivo-pragmáticos envolvidos no uso dos construtos licenciados pela construção em foco.

A amostra utilizada compõe-se de dois *corpora*, representativos de recortes temporais diferentes: a primeira e a segunda metade do século XX. O primeiro *corpus* considerado foi o *Discurso & Gramática*, seções Natal e Rio de Janeiro. O *Corpus D&G*, como é comumente conhecido, reúne textos orais e escritos, produzidos por informantes masculinos e femininos, de níveis de escolaridade diferentes, e representativos de cinco configurações textuais prototípicas: narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de

<sup>7</sup> Eu ia dançar com a garota mais bonita da sala.

<sup>8</sup> Ele foi uma das maiores autoridades vivas sobre o assunto.

<sup>9</sup> É um dos melhores lugares antigos da Inglaterra.

local, relato de procedimento e relato de opinião. Como já mencionado, este *corpus* foi selecionado por ser uma amostra significativa de língua em uso, em diferentes modalidades, do português brasileiro no final do século XX.

O segundo banco de dados selecionado para a pesquisa foi o *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (CE-DOHS)*<sup>10</sup>. Este *corpus* compreende uma seleção de textos manuscritos, impressos e amostras de fala de indivíduos nascidos entre 1450 e 1950. Por ser um *corpus* bem extenso, selecionamos para coleta de dados apenas a seção intitulada “*Cartas para Severino Vieira*”, composta de 102 cartas pessoais enviadas a Severino Vieira, então governador da Bahia, na primeira metade do século XX. A escolha desse *corpus* deu-se por servir de amostra da língua efetivamente em uso no início desse século.

Ao final da coleta e tabulação de dados, chegamos a 275 ocorrências de adjetivos deverbais de participio presente em posição de modificador nominal, o que interessa aos propósitos desta pesquisa. Esses adjetivos apresentam em sua estrutura interna uma base verbal reconhecida e usada no português brasileiro contemporâneo acrescida do sufixo *-nte* (*instigante, interessante, confortante* etc.), padrão que consideramos derivado do participio presente latino. Foram desconsiderados do levantamento de dados adjetivos em *-nte* cuja base verbal não é um verbo reconhecido no português brasileiro contemporâneo (*inteligente, deficiente, suficiente...*), além de adjetivos em função predicativa.

Expostos os aspectos metodológicos, passamos à apresentação e discussão dos dados. Buscamos agora observar como os adjetivos deverbais de participio presente perfilam, recrutam, ativam conceitos, domínios e/ou outras estruturas do nosso sistema conceptual, na intenção de promover uma abordagem alinhada a pressupostos cognitivistas do fenômeno estudado.

### 3 Sentidos instaurados por adjetivos em *-nte*

Nesta seção, procedemos à análise dos adjetivos deverbais de participio presente encontrados em nossa amostra. Como dito anteriormente, esses adjetivos constituem uma classe específica de modificadores nominais cujas características formais remetem ao participio presente latino, apresentando uma marca formal dessa forma verbo-nominal: o sufixo *-nte*. Com base na Teoria da Representação Morfológica, assumimos que fazer uma abordagem mais cognitiva desse objeto de estudo implica relacioná-lo às estruturas cognitivas possivelmente ativadas no uso desses adjetivos em ocorrências reais.

Em Cordeiro (2017), a semântica dos adjetivos deverbais em *-nte* é tratada cognitivamente em termos de *frames*, com base em postulados de Fillmore (1982), de Fried e Ostman (2005) e Fried (2009, 2015). Conforme esses autores, a estruturação semântica dos elementos linguísticos dá-se por meio dos enquadramentos cognitivos que são acessados no uso de tais elementos. Os *frames* são, nas palavras de Fillmore (1982, p. 381), “um sistema de categorias estruturadas de acordo com algum contexto motivador”. Dito de outro modo, um *frame* constitui-se de uma conceptualização de experiências partilhadas socialmente, assim como do conjunto de conceitos relacionados a essa experiência, que provê uma cena de fundo à expressão linguística que o evoca (FRIED, 2015).

<sup>10</sup> <http://www5.uefs.br/cedohs/view/home.html>

Entendemos que os *frames* são estruturas cognitivas acessadas pelas formas linguísticas de qualquer nível na estrutura semântica. Besedina (2012) trata como “conceitos primários” as estruturas do sistema conceptual evocadas pelos conceitos morfológicos. Na visão da autora, são conceitos básicos provenientes de nossa experiência com o mundo e que servem de fonte para a criação de conceitos outros. Neste trabalho, especificamente, tratamos da representação morfológica em termos da comparação entre os *frames* que a base verbal do adjetivo evoca e o sentido que efetivamente se instaura no uso desses adjetivos derivados. Em outras palavras, observamos o grau de transparência entre os *frames* do verbo-base e o sentido do adjetivo, assim como fatores interacionais envolvidos nessa relação.

A estrutura interna do adjetivo deverbal evoca *frames* relacionados ao verbo que lhe serve de base e esse *frame* concorre para o significado do adjetivo, embora não o defina completamente. Para a GC, a construção tem significado próprio, independentemente das partes componentes, conquanto se admita que essas partes concorram para o significado do todo. Cordeiro (2017) mostra que o uso do adjetivo em *-nte* como instânciação de uma construção carrega também significados não composicionais no sentido de que, do ponto de vista construcional, o significado do todo não está na soma do significado das partes. Isso implica reconhecer que a base verbal pode promover enquadramentos diferentes do adjetivo dela derivado.

Os adjetivos deverbais de participio presente podem ser considerados adjetivos predicadores (NEGRÃO et al., 2014), uma vez que impõem ao SN a que se referem algumas restrições sintático-semânticas e podem, em alguns casos, ser permutados por uma oração relativa equivalente. Desse modo, podemos considerar que há uma relação de predicação entre nome-adjetivo. Neves (2000) destaca que esses adjetivos fazem uma atribuição ao substantivo que acompanham e, dessa forma, predicam.

Nesse contexto e considerando a noção de *conceito morfológico*, podemos relacionar o conceito de PREDICAÇÃO como essencial para compreender a relação que os adjetivos em *-nte* estabelecem com os nomes que modificam. Tomamos aqui PREDICAÇÃO como conceito morfológico basilar para a significação de adjetivos deverbais. É importante sublinhar que o conceito morfológico é ativado por formas morfológicas (lexicais ou não), sendo mais geral e esquemático. Nesse conceito, a noção de “atribuir ação/estado a um referente” ou ainda “declarar algo sobre um referente” é perfilada para a construção de sentidos na interação.

O conceito de PREDICAÇÃO está, de certo modo, ligado ao *frame* de ENTIDADE, que remete à ideia de existência de um ser (físico ou não) e o que se pode dizer dele e de sua existência (no sentido de declarar algo sobre a entidade). Esse seria, então, o conceito primário que fundamenta a existência não só do conceito morfológico de PREDICAÇÃO, mas de outros *frames* que o evocam, como o *frame* de EVENTO, por exemplo, ou ainda ESTADO, EXISTÊNCIA, etc. O *frame* de ENTIDADE, sendo primário em relação ao conceito de PREDICAÇÃO, é de ordem cognitiva mais básica, isto é, está ligado ao conhecimento de mundo em geral, não só ao conhecimento linguístico; é mais ancorado na experiência concreta e, por abstratização, gera conceitos secundários.

Tomando por base o conceito morfológico de PREDICAÇÃO e a proposta de Besedina (2012) quanto aos sentidos instaurados pelo uso de formas de superlativo, identificamos, nos dados de nossa amostra, três sentidos recorrentes para os adjetivos em *-nte*. A seguir, caracterizamos cada um deles considerando a relação que estabelecem com o nome a que se referem.

1. O adjetivo atribui uma condição momentânea ao referente modificado – sentido que denominamos *circunstancial*;
2. O adjetivo atribui ao referente propriedade que remete a ações frequentes/iterativas/habituais – sentido que denominamos *aspectual*;
3. O adjetivo atribui uma qualidade ao referente a partir da atitude subjetiva do falante – sentido que denominamos *avaliativo*.

As ocorrências de (1) a (3) ilustram esses sentidos:

- (1) Se o Estado continuasse a fazer a navegação dos afluentes por sua conta com certeza não cobriria o déficit d'ella *resultante* com sub-venção que contractou com a Empreza (CE-DOHS).
- (2) deixo assim uns... dez minutos... aí quando seca... eu coloco um óleo *secante*... pra não entrar nenhuma poeira na minha unha... é assim... simples... (D&G RJ).
- (3) meu quarto é o paraíso... entendeu? se você entrar você vai até tomar um susto... não é aquele quarto... *exuberante*... todo arrumado... (D&G RJ).

Em (1), a modificação do substantivo *déficit* por *resultante* está circunscrita a uma dada situação, a de continuidade da navegação dos afluentes por conta do Estado. Ou seja, a modificação tem caráter/natureza circunstancial: *resultante* não é propriedade constante de *déficit*, mas o caracteriza momentaneamente em função do conteúdo da proposição que integra.

Já em (2), quando o falante relata um determinado procedimento, o referente *óleo* é caracterizado por sua ação habitual. Trata-se de um óleo cuja função é secar rapidamente o esmalte fresco. Nesse contexto, o adjetivo *secante* indica uma propriedade, algo constante, decorrente de uma ação que ocorre repetidas vezes (*secar*), daí denominarmos esse uso de *aspectual*.

A ocorrência (3) demonstra uma descrição feita pelo falante de seu próprio quarto. Nesse caso, predomina a sua própria perspectiva sobre o referente, o julgamento que ele faz do estado de seu quarto, quando o opõe a um quarto *exuberante*. Consideramos esse uso *avaliativo*.

A respeito dessas categorias, ressaltamos que elas foram pensadas a partir dos usos flagrados no *corpus*, reunindo ocorrências que apresentam similaridades quanto ao significado dos adjetivos em dado contexto. Acompanhando autores como Taylor (1995) e Bybee (2010), entendemos que a categorização é um processo cognitivo geral e que as categorias situam-se em um *continuum*, de modo que os membros de uma categoria são organizados com base em sua proximidade/distância em relação a um exemplar prototípico. Desse modo, um mesmo adjetivo pode, em contextos diferentes, associar-se a

categorias distintas (circunstancial, aspectual, avaliativo). Assim como as categorias conceptuais, esses sentidos não constituem um conjunto fechado, de modo que não correspondem a todos os sentidos possíveis para tais adjetivos.

Na Tabela 1, apresentamos a distribuição dos adjetivos deverbais por sentido mapeado em cada um dos *corpora*, o que permite observar também a frequência de cada sentido por recorte temporal (primeira e segunda metades do século XX).

**Tabela 1.** Ocorrências de adjetivos em *-nte* por sentido instaurado e *corpus* analisado

<i>Sentidos / Corpus</i>	CE-DOHS		Discurso & Gramática		TOTAL
<i>Circunstancial</i>	67	71,28%	55	30,39%	<b>122</b>
<i>Aspectual</i>	6	6,38%	23	12,71%	<b>29</b>
<i>Avaliativo</i>	21	22,34%	103	56,91%	<b>124</b>
<b>TOTAL</b>	<b>94</b>	<b>100</b>	<b>181</b>	<b>100%</b>	<b>275</b>

Fonte: autoria própria

Com base nos quantitativos da tabela, notamos que os sentidos *circunstancial* e *avaliativo* são os mais recorrentes nos dois *corpora*. Nos dados do início do século XX, o sentido *circunstancial*, mais relacionado ao valor participial, foi mais frequente, enquanto nos dados da segunda metade do mesmo século, a maior frequência foi do sentido avaliativo. Esses quantitativos ajudam a sustentar a hipótese da trajetória participio > adjetivo, aventada em Cordeiro (2017) e aqui assumida.

Discutimos, em seguida, como os três sentidos propostos se relacionam com as estruturas conceptuais subjacentes, tomando por base o conceito morfológico de PREDICAÇÃO, ativado pelos adjetivos em *-nte*.

Quando usado com sentido circunstancial, o adjetivo expressa a condição que caracteriza o seu referente em relação à predicação principal. Assim, por exemplo, em (4), a chuva não é *incessante*, mas se apresenta dessa forma em dado momento (o da ida ao aeroporto); em (5), a opinião é caracterizada como *corrente* em função de estar circulando na época em que se discutia a saída do Ministro da Fazenda; em (6), *momento nacional* só é caracterizado como *conflitante* porque naquele período determinado vários conflitos ocorriam. Trata-se, pois, de características provisórias, não permanentes.

- (4) Minha mãe e minha irmã acompanharam-me até o embarque e o percurso foi tranquilo, apesar da chuva *incessante* (D&G Natal).
- (5) Sobre a saída do m. da Fazenda, é hoje opinião *corrente* que ela não se dará... (CE-DOHS).

- (6) achei um tema meio irreal... meio desfocado da realidade... quan/numa quando vivíamos um período tão delicado... um momento nacional tão *conflitante*... (D&G Natal).

Considerando ainda essas ocorrências, é possível observar que os adjetivos deverbais em destaque acionam a noção de “atribuir condição ao referente” presente no conceito de PREDICAÇÃO. Para a construção de um sentido *circunstancial*, a noção de TEMPO é muito importante, dado que a condição atribuída pelo adjetivo é tomada como transitória. Além disso, o SN de que o adjetivo em *-nte* faz parte evoca um evento que parece se dar simultaneamente a outro: a chuva incessante ocorre paralelamente à ida ao aeroporto; a opinião de que o Ministro da Fazenda não deixará o cargo é simultânea à discussão sobre a possibilidade de o ministro sair do governo; a ocorrência de conflitos é paralela ao evento codificado por *viver*.

Nesses casos, observamos que o significado do adjetivo está mais ligado ao do verbo base. Ou seja, há transparência semântica entre o adjetivo e o verbo de que deriva. Essa transparência implica o recrutamento de *frames* relacionados a CESSAR, CORRER e CONFLITAR para a construção dos sentidos de *incessante*, *corrente* e *conflitante*.

Algumas ocorrências de adjetivos deverbais de particípio presente demonstram que o referente pode ser caracterizado em termos de ações iterativas/habituais a ele associadas, isto é, ações repetidas frequentemente e que passam a ser conceptualizadas como propriedades desses referentes. Denominamos de *aspectual* esse sentido, pois ele remete à frequência e iteratividade de uma ação pelo referente, sendo categorizada pelo falante como uma característica proeminente dos nomes a que o adjetivo se refere. É o que podemos observar nestas amostras:

- (7) depois eu retiro essa posta de peixe... coloco pra secar num papel que... *absorvente*... pra retirar o excesso de óleo (D&G Natal).
- (8) Isso depende de cada um, eu gosto muito de namorar, de ter uma pessoa *confidente* e amiga do meu lado (D&G RJ).
- (9) nessa parte da Pátria não conheço autori= dade superior a de V Exa .Governador do maior Estado do Norte do Brazil e político *influyente* e cheio de meritos reaes (CE-DOHS).

Conforme exemplificado em (7), o papel é caracterizado como *absorvente*, pois essa é sua principal função, o que se dá com frequência, assim como uma pessoa é *confidente* (8), pois a ela se pode confidenciar repetidas vezes. O mesmo raciocínio vale para o significado de *influyente* em (9).

Nas ocorrências de (10) a (12), bem como nas já apresentadas anteriormente, os adjetivos ativam a noção “atribuir propriedade ao referente”, presente no conceito de PREDICAÇÃO, caracterizando o nome modificado em função de uma ação frequente a ele associada: *falar*, *dominar* e *pensar*. A noção de ASPECTO é, nesses casos, saliente, uma vez que se ressalta a iteratividade/habitualidade da ação associada ao referente.

- (10) eu estava sem tempo de preparar esse seminário... e eu tinha uma parceira de grupo também... muito *falante*... (D&G Rio).
- (11) A crise educacional é uma jogada política, não é interesse para classe *dominante* ter uma população com consciência... (D&G Rio).
- (12) uma Assembleia de Deus totalmente restrita... que corta assim... todas as asas do indivíduo *pensante*... (D&G Natal).

É possível observar que, nos usos de adjetivos em *-nte* com sentido aspectual, alguns elementos dos *frames* evocados pelos verbos de que derivam já não se realizam linguisticamente. Os *frames* de ABSORVER, CONFIDENCIAR, FALAR, DOMINAR e PENSAR, por exemplo, envolve um participante que funciona como argumento interno desses verbos, mas os adjetivos deles derivados não implicam esse participante.

Discutindo a estrutura argumental dos nomes em português, Neves (1996) conclui que é uma tendência das palavras nominalizadas não manter o paralelismo sintático-semântico com sua contrapartida não nominalizada (o verbo). É o que observamos aqui, pois, conquanto as bases verbais dos adjetivos analisados requerem a presença de um argumento interno quando núcleo de um sintagma verbal, o adjetivo, não. Temos, então, que o acesso a esses *frames* já é parcial, embora obviamente sejam parte do sentido do adjetivo em *-nte*. Consideramos que há, nesses casos, uma menor transparência entre o sentido evocado pela base verbal e o sentido do adjetivo.

A perspectiva do falante sobre o referente também pode ser determinante para o uso dos adjetivos deverbiais de participio presente, à medida que o falante qualifica o referente com base em suas impressões. A esse uso denominamos *avaliativo*, que decorre do modo como o falante percebe e julga o referente. Dessa forma, prevalece a avaliação (inter)subjetiva do falante sobre o referente. É o que se vê, por exemplo, nas ocorrências a seguir, nas quais *resultado*, *coisa* e *fato* são caracterizados como *brilhante*, *marcante* e *comovente*, respectivamente, pois assim o falante os considera/avalia.

- (13) Esse amigo, um dos principais elementos políticos, a cujos esforços muito devemos o *brilhante* resultado da eleição de 4 de novembro (CE-DOHS).
- (14) a única coisa que ela... a coisa mais *marcante* que ela dizia era... pretos... tem pretos lá na [...] na cidade onde você vai morar (D&G Natal).
- (15) uma coisa que... também me... que eu me lembro como um fato curioso e bonito... *comovente*... (D&G Natal).

Os adjetivos deverbiais destacados acionam a noção de “atribuir qualidade ao referente”, presente no conceito de PREDICAÇÃO. Para a

construção do sentido avaliativo desses adjetivos concorrem os *frames* acionados pelo verbo base. Os significados de *brilhar*, *marcar* e *comover* contribuem, ainda que em graus variados de abstratização, para a apreensão do sentido dos adjetivos derivados (*brilhante*, por exemplo, relaciona-se à ideia de destaque/importância, construída metaforicamente com base no realce perceptivo-visual causado pela ação de brilhar).

Também atuam nos usos de adjetivos deverbiais avaliativos processos interacionais como a (inter)subjetividade e a inferência sugerida (TRAUGOTT, 2020, 2012; TRAUGOTT; DASHER, 2005). Isso se dá por meio da negociação de sentidos entre os parceiros da interação, de modo que o falante convida o interlocutor a compreender o sentido com que o adjetivo é utilizado. Esse sentido, que se constrói intersubjetivamente, pode, inclusive, afastar-se da acepção literal. Vejamos estas ocorrências:

- (16) ele tava com a mulher... três filhos... um filho... esses três filhos *brilhantes* assim... gênios (D&G Natal).
- (17) cores assim suaves... não são nada... fortes, sabe?... nada muito *gritante*... (D&G Rio).
- (18) as pessoas do interior geralmente têm uma mente mais fechada... entendeu? São uma pessoa tipo... entre aspas... *ignorantes*... né? (D&G Rio).
- (19) vinha aqueles pratos finíssimos de lagostas é... como é que se diz... enroladas... empanadas... e vinha...[...] cada prato *diferente*... (D&G Natal).

Os adjetivos *brilhante*, *gritante*, *ignorante* e *diferente*, nessas amostras, estão sendo empregados para designar ideias mais abstratas: *brilhante* para indicar prodigiosidade; *gritante* para indicar destaque; *ignorante* para indicar pouco esclarecimento; *diferente* para indicar estranho, incomum. Nesses casos, o falante claramente negocia essa interpretação para o adjetivo empregado no contexto, encaminhando o interlocutor a compreender o sentido pretendido e, assim, fazer com que os seus propósitos comunicativos sejam alcançados.

Percebemos, nessas ocorrências, o grau baixo de transparência semântica entre o adjetivo e o verbo de que se origina. Isso não quer dizer que o verbo base não contribui para o sentido que o adjetivo instaura nesses contextos, mas que essa contribuição não é direta, mas mediada por processos cognitivos (metafóricos e metonímicos, por exemplo) e interacionais, que vão conduzir a outra interpretação possível (no caso, a pretendida).

#### 4 Considerações finais

Neste artigo, analisamos o uso de adjetivos deverbiais de particípio presente sob o viés funcional-cognitivo. Perseguimos o objetivo de analisar como esses adjetivos perfilam e ativam domínios cognitivamente estruturados de nosso conhecimento.



Procedemos à análise de 275 ocorrências de adjetivos deverbais, com base nas quais identificamos três sentidos principais: i) *circunstancial* (o adjetivo expressa uma condição momentânea do referente); ii) *aspectual* (o adjetivo atribui propriedade ao referente, relativa a ações habituais); iii) *avaliativo* (o adjetivo qualifica o referente a partir da atitude subjetiva do falante).

Constatamos que há variados graus de transparência semântica entre esses adjetivos e os verbos que lhes servem de base. Esse grau de transparência está relacionado à atuação de processos cognitivos, como a metáfora, e interacionais, a exemplo da (inter)subjetividade e a inferência sugerida. Nesse sentido, a depender dos propósitos comunicativos em jogo, a relação entre adjetivo em *-nte* e verbo base pode ser marcada pela maior ou menor transparência.

Apoiados na Teoria da Representação Morfológica, refletimos acerca da base cognitiva de estruturas morfológicas. Nessa direção, verificamos que os *frames* de ENTIDADE e EVENTO são basilares para a existência do conceito morfológico de PREDICAÇÃO, acessado por formas linguísticas como adjetivos e verbos. No conceito de PREDICAÇÃO, encontramos implícita ideia de “atribuir condição/propriedade/qualidade a um referente”, que ativa, por sua vez, noções como tempo, aspecto e avaliação. Essas noções, como vimos, concretizam-se a partir dos usos de adjetivos aqui estudados.

É oportuno pontuar que, numa abordagem centrada no uso, o sentido é construído na interação, então, o que está posto aqui não é uma visão categórica, uma vez que o mesmo adjetivo pode apresentar comportamento sintático, semântico e pragmático distinto dependendo do contexto. Além disso, cabe dizer que, do ponto de vista construcional, postula-se que instâncias de uso de uma construção estão sujeitas à extensão de sentidos, seja por elos polissêmicos ou por outros *links* relacionais<sup>11</sup> (de subparte, por exemplo), dos quais não nos ocupamos por não ser objetivo desta empreitada. Isso implica considerar que diferentes adjetivos podem acessar o mesmo *frame* e/ou o mesmo adjetivo pode acessar *frames* diferentes dependendo do contexto em que figura e dos *links* que estabelece na rede construcional de que faz parte.

## REFERÊNCIAS

BASILIO, M. Abordagem gerativa e abordagem cognitiva na formação de palavras: considerações preliminares. **Revista Linguística**. v. 6, n. 2. p. 1-14, dez. de 2010.

BESEDINA, N. Evaluation through Morphology: A Cognitive Perspective. **Selected Papers from the 3rd UK Cognitive Linguistics Conference**. UK: The United Kingdom Cognitive Linguistics Association, 2012. p. 177-192.

BESEDINA, N. et al. Morphology of number in English: a cognitive perspective. **Journal of Language and Literature**, Baku, Azerbaijan, v.5. n.3, , p. 83-88, 2014.

BOOIJ, G. **Construction Morphology**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

---

<sup>11</sup> Para mais informações sobre *links* entre construções, ver Goldberg (1995) e Hilpert (2014).

\_\_\_\_\_. Construction Morphology. *In*: HIPPISEY, A.; STUMP, G. T. **The Cambridge Handbook of Morphology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: CUP, 2010.

CORDEIRO, F. da S. **Construção nominalizadora de particípio presente: uma abordagem funcional centrada no uso**. 104f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

CORDEIRO, F. da S.; BISPO, E. B. Aspectos funcionais da construção nominalizadora de particípio presente. **Revista do GELNE**, v. 19, p. 39-52, 2017.

CROFT, W. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W.; CRUSE, A. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CROFT, W.; CLAUSNER, T.C. Domains and image schemas. **Cognitive Linguistics**, Berlim: Walter de Gruyter, v.10, n.1, p. 1-31, 1999.

FILLMORE, C. J. Frame Semantics. *In*: The Linguistic Society of Korea (ed.) **Linguistics in the morning calm**. Seoul: Hanshin, 1982. p. 111-137.

FRIED, M. Representing contextual factors in language change: between frames and constructions. *In*: BERGS, A. & DIEWALDS, G. (Ed.). **Contexts and constructions**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2009.

\_\_\_\_\_. Construction Grammar. *In*: ALEXIADOU, A.; KISS, T. (Ed.) **Handbook of syntax**. 2. ed. Berlin: Walter de Gruyter, 2015. p. 974-1003.

\_\_\_\_\_; ÖSTMAN, J. **Construction grammars: cognitive grounding and theoretical extensions**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SILVA, J. R.; BISPO, E. B. O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais. **Revista Linguística**, v. Espec., p. 55-67, 2016.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso. *In*: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Orgs.). **Linguística centrada no uso – uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad: FAPERJ, 2013. p. 13-39.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal: EDUFRN, 2007.

GIVÓN, T. **Funcionalism and grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

- HILPERT, M. **Construction Grammar and its application to English**. Edimburg: Edimburg Univeristy Press, 2014.
- HOPPER, P. J. Emergent grammar. **Berkeley Linguistics Society**. v. 13. p. 139-157, 1987.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought**. New York: Basic Books, 1999.
- LANGACKER, R. Conceptualization, symbolization and grammar. In: TOMASELLO, M. (Ed.). **The new psychology of language**. New Jersey, London: Lawrence Erlbaum Associate Publishers, 1998. p. 1-39.
- MARTELOTTA, M. **Mudança linguística: uma abordagem centrada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.
- NEGRÃO, E. V. et al. O adjetivo. In: ILARI, R. (Org.). **Gramática do Português culto falado no Brasil**. v. III: palavras de classe aberta. São Paulo: Contexto, 2014. p. 243-265.
- NEVES, M. H. M. Estrutura argumental dos nomes. In: KATO, M. A. (Org.) **Gramática do Português Falado V: Convergências**. Campinas: Ed. Unicamp/FAPESP, 1996. p. 119-154.
- \_\_\_\_\_. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- NORDE, M.; TROUSDALE, G. Exaptation from the perspective of construction morphology. In: NORDE, M.; VAN DE VELDE, F. (Ed.). **Exaptation and Language Change**. Current Issues in Linguistic Theory. Amsterdam: John Benjamins, 2016, p. 163-195.
- TAYLOR, J. **Linguistic Categorization: Prototypes in Linguistic Theory**. Oxford: Oxford University Press, 1995.
- TRAUGOTT, E. Revisiting subjectification and intersubjectification. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (eds.). **Subjectification, intersubjectification and grammaticalization**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010, p. 29-70.
- \_\_\_\_\_. Intersubjetification and clause periphery. **English Text Constructions**. v. 5, n.1, p. 7-28, 2012.
- TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Construcionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Recebido em 11 de janeiro de 2020.

Aprovado em 6 de março de 2020.

Publicado em 30 de abril de 2020.

**SOBRE OS AUTORES**

**Edvaldo Balduino Bispo** é doutor em Estudos da Linguagem pela UFRN e professor Associado da mesma instituição. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, UFRR, do qual foi Coordenador de 2015 a 2019, é pesquisador do grupo *Discurso & Gramática*/UFRN. Seus temas de interesse voltam-se à morfossintaxe do português, notadamente relacionados a adjetivos, orações relativas e estrutura argumental, e ao ensino de língua portuguesa. É coorganizador dos livros *Oração relativa no PB: diferentes perspectivas* (EDUFF) e *Variação e mudança em perspectiva construcional* (EDUFRN).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5607-3407>

E-mail: [edbbispo@gmail.com](mailto:edbbispo@gmail.com)

**Fernando da Silva Cordeiro** é mestre e doutorando em Estudos da Linguagem, pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor de Linguística/Língua Portuguesa da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6940-1994>

E-mail: [fernando.cordeiro@ufersa.edu.br](mailto:fernando.cordeiro@ufersa.edu.br)